



# O COSMOPOLITA

Orgão dos Empregados em Hotéis, Restaurants, Cafés, Bars e classes congeneres

ANO II — N. 14

Rio de Janeiro, 15 de Julho de 1917

REDAÇÃO  
Rua do Senado 215-217  
Telefone Central 1499

O 10 DE JULHO  
DE 1917

## Uma efeméride da classe

A 10 de julho fluente, completaram-se dois anos do movimento grevista em que nos lançamos para reivindicação dos nossos direitos postergados pela tirania patronal.

O que foi a luta memorável em que ha dois anos nos empenhamos com o ardor e a energia de que sabem usar os trabalhadores concientes e dignos, não pretendemos dizer nestas linhas, porque ela é, nos seus mínimos detalhes, do conhecimento da maioria dos que nos têm. Recordando este episodio da nossa vida corporativa apenas procuramos exemplos que assinalem a diretriz mais conveniente aos superiores interesses da classe trabalhadora.

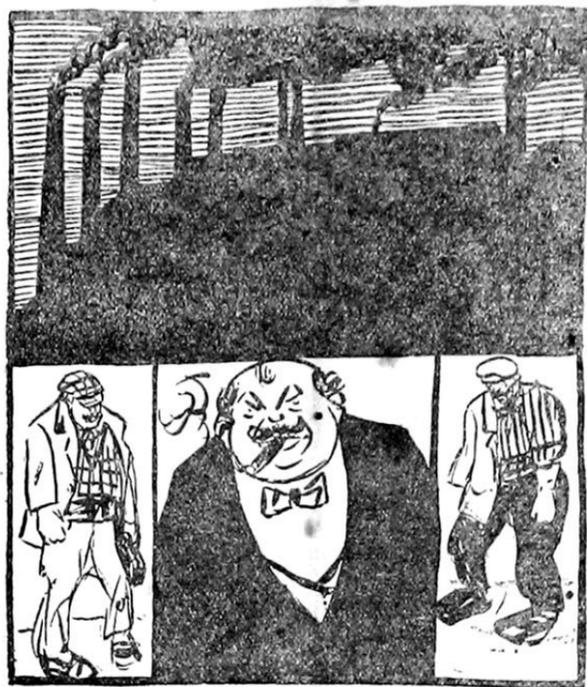
Tristes e lamentáveis dezoções constataram-se naqueles instantes angustiosos, em que a dignidade de uma escravizada classe corria o risco eminente de sofrer os mais traiçoeiros e rudes golpes. Infinito foi o numero dos que, na hora critica de se pôr à prova o espirito de sacrificio, não souberam ou não quiseram colocar-se no posto que a luta lhes assinalava, como explorados, como vítimas da sociedade capitalista, mas não pretendemos neste momento penetrar o circulo estreito das retaliações pessoais!

Semeemos antes a mancheias os principios sublimes de emancipação humana, esforçando-nos por estirpar dos cérebros obscure-

cidos pelos preconceitos oriundos de uma moral mentiroza, porque deste modo apressaremos o advento de dias melhores, de um amanhã radiante de venturas, no qual nós os trabalhadores, não seremos os espoliados, a carne preferida para pasto da cupidéz capitalista.

Recordando hoje o «dez de julho» de ha dois anos passados nós aconsellamos aos trabalhadores em hotéis, restaurants e cafés para que se unam estreitamente com os seus pares na exploração de que são vítimas, afim de que possam pôr novamente em cheque os interesses da cambada capitalista num movimento de heroica revolta, que condense as suas aspirações de justiça e liberdade e que seja tambem a manifestação real da conciencia proletaria em marcha para os grandes dias da revolução bemfazeja que ha de fazer ruir este mundo de tiranias!

## FILANTROPIA MAL COMPREENDIDA...



Faço os meus empregados trabalhar mais algumas horas para que não se embriaguem nas tabernas

não pretendemos negar, haja por bem espedir

E' obvio, é evidente que, pela posição que s. ex. ocupa na ordem economica da sociedade presente, é impotente para resolver estas questões; os meios para resolver-as não estão ao seu alcance, porque esses meios derivam unicamente da noção de um direito e da capacidade para exercê-lo. Quando essa noção e essa capacidade existem a lei é superflua, quando o contrario se dá, a lei, é então, perfeitamente inutil.

Dentro mesmo da historia das nossas lutas corporativas, nós encontraremos, sem grandes esforços de pesquisas, exemplos do quanto vale a energia, a altivez e a capacidade de luta nas reivindicações proletarias.

Não foi certamente escudado nessa malograda lei, que o Centro Cosmopolita conseguiu derruir, numa luta memorável, os barbaros horarios que vigoravam outr'ora nos grandes cafés desta capital; naquela época a fama e nunca assaz celebrada regulamentação das horas de trabalho se achava ainda em laboriosa gestação nas retortas legislativas, á espera que os respetivos lejiferantes ruminassem tranquilamente sobre as suas sapientissimas disposições...

Não foi tampouco com humilhantes petições aos poderes publicos, mas erguendo potentemente a nossa voz na praça publica, em protesto veemente e dezassombado, clamante de justiça, que conseguimos fazer recuar aqueles que pretendiam apertarnos ainda mais o guante da formidável oppressão que nos asfria, com a imposição aviltante da caderneta individual, em que se facultava irrizoriamente aos patrões, amigos do calote e da prepotencia bocal, a prerogativa estupenda de consignar, a seu bel prazer, a conduta das suas victimas!

E certamente não será em virtude de nenhuma lei, sinão pela da nossa propria vontade, que derruiremos a degradante escravatura a que, ainda hoje, nos traz acorrentados o patrão—o senhor feudal dos nossos dias—tal como outr'ora nos dias tenebrosos, da idade média, o servo curvado sobre a gleba adusta.

Repitamos, pois, o grito que nos serve de epigrafe: basta de iluzões! Fazamos nossas as palavras verdadeiramente sabias do insigne revolucionario Pedro Kropotkine, as quais se ajustam á maravilha ao assunto de que nos occupamos: «E' tempo de compreendermos que não é das leis que se devem esperar estes direitos. Não é numa lei—num bocado de papel, que pôde ser rasgado á menor fantasia dos governantes—que iremos buscar a salvaguarda destes direitos naturais. E' sómethe constituindo-nos como força, capaz de impôr a nossa vontade, que conseguiremos fazer respeitar os nossos direitos.»

effizes, etc. E no sitio dessa pavorosa cadeia ergue-se uma columna de bronze que perpetua a memoria das angrenta jornada, é cujo aniversario é em França dia de festa nacional.

Tal é a efeméride.

Mas se não se considerar a tomada da Bstilha como um ato heroico, o que se deve notar todavia, é que aquele «assalto», marcando o ponto inicial de um movimento popular, condensa as aspirações dos oprimidos, dos que sofrem o martirio feroz da miseria e da servidão. A monarquia recebe ali o primeiro golpe. E o povo exprime ao seu triunfo. Esse sentimento defi-

## A tomada da Bastilha

A Bastilha, essa fortaleza que defendia a cidade de Paris, e que servia, simultaneamente, de prisão politica, o que lhe dá uma importancia historica bem tiste, foi sitiada pelo povo a 14 de Julho de 1789.

A sua guarnição, sob as ordens do governador Lamay, pouco tempo resistiu ao ataque formidavel:—ao cabo de tres horas de combate a bandeira rubra dos rebeldes iludiu no cimo das torres em torno das quais se aglomerava o povo triunfante.

O decreto consignando a demolição de tetrico edificio, não se faz esperar. Então o povo embriagado com as auras da victoria, pega nas suas pedras e faz jogos de domínio, medalhões,

ne-o uma fraze: «a tomada da Bastilha». Se não é obra da revolução, significa-a.

Tres «etápes» teve o movimento, a saber:

1. As idéas que encarnam os grandes escritores do século XVIII, os formidáveis autores da «Enciclopédia»
2. A reacção proclamada contra o absolutismo monarchico e o seu largo estendal de abusos.
3. A revolução.

Estas tres «etápes» serão sempre feitas? Pelo menos a historia assim nos leva a fazer a interrogação. As idéas sempre reclamaram martyres, e estes têm caído aos milhares: é que o futuro tem de conquistar-se á força de muitos sacrificios e de muitas dôres. Os que tudo possuem não querem abandonar o fruto das suas rapinas, á boa, sem resistencia. E o progresso segue a sua marcha acencional, revolucionariamente, através do ferro e do fogo.

Porventura estaremos muito perto do periodo de luz em que a idéa se afirma soberana como a unica força, o unico poder? Sim. E nenhum espirito estudioso ouzará negar semelhante coisa, a não ser que a sua miopia cerebral seja manifesta, ou uma forte dóze de reacionarismo politico ou relijiozo o não deixe observar as coisas tal qual elas se nos apresentam.

A época actual é de tranzição. O sistema republicano não pôde, de maneira alguma, permanecer como sistema definitivo. Os novos ideais já se afirmam em claros de revolta, deenhando-nos com nitidez o que ha de ser a sociedade de amanhã.

Alberto Giraldo.

## Basta de iluzões!

Afigura-se nos dever dos mais imperiosos o não deixarmos escoar-se a oportunidade que ora nos oferece a questão em fóco da redução das horas de trabalho na nossa coletividade sem que sobre ela bordemos, uma vez mais, alguns comentarios de absoluta necessidade, assinalando ao mesmo tempo a inutilidade completa das leis, do ponto de vista das reivindicações proletarias.

Nunca será demaziado que sobre assunto de tão transcendental importancia nos occupemos com a maior tenacidade, aprofundando causas e apontando effeitos para que, de uma vez para sempre, desapareça da mente dos trabalhadores a iluzão, profundamente pernicioza aos seus interesses, de que a exploração revoltantemente iniqua a que está sujeito, pôde ser suprimida de um golpe ou siquer refreada por meio de uma lei emanada das assembleas politicas onde têm assento os mais conspiciosos parzitas sociais, interessados diréto na eternização do actual rejimen social, de explorados e exploradores, com todas as horrorozas consequencias morais e economicas que ele enjendra.

Todos os esforços dos trabalhadores concientes, daqueles que ou pelo estudo ou pelas lições da dura experiencia se tenham apercibido de toda a trama social presente, devem se converjir para que se dissipem as densas trevas que povoam o cérebro da imensa maioria dos seus irmãos, levando-os pela deducção logica dos fenomenos sociais a se capacitarem da iniquidade de que são victimas, bem como dos meios com os quais poderá despedaçar os grilhões que os mantêm através dos tempos junjidos á exploração capitalista.

Capacitemo-nos igualmente de que a conquista do nosso bem estar ha de ser obra esclusiva dos nossos esforços; da tenacidade e energia que despendermos na luta pela nossa emancipação dependerá o triunfo que já vai tardando das nossas justas e humanas aspirações de bem estar e liberdade.

Encaremos, porém, a questão no seu amago. E' já do domínio de todos que acompanham com interesse o dezenrolar da questão das horas de trabalho para os empregados em hotéis, restau-

rants, etc., a absoluta ineficácia da circular espedida pelo sr. prefeito aos agentes municipais, recomendando-lhes a observancia rigorosa da lei n. 1726; a lei continúa sendo cunicamente violada, isto é, cumpre fielmente o destino logico de todas as suas irmãs: serem sepultadas na poeira dos arquivos, avolumando cada vez mais a profuza coleção das leis operarias, no esforço impioficuo de resolver com artigos e paragrafos o conflito permanente das duas classes de interesses inconciliaveis: o capital e o trabalho, ou melhor, exploradores e explorados, ladrões e roubados. Ora, isto quer dizer simplesmente que os problemas de ordem economica e moral da classe trabalhadora só podem ser eficazmente solucionados pelos directamente interessados. O Estado ainda mesmo que se empenche como distinctivo rutilante de democracia, é por demais impotente para dar um passo que seja em beneficio nosso.

Estas verdades sabidas, corriqueiras, nós aqui as assinalamos especialmente endereçadas áqueles que esperam injenuamente a anciada liberdade de algum adventicio milagre, como que chovida do céu governamental.

Dispondo que nenhum empregado em hotel ou restaurant poderia trabalhar mais que doze horas diarias, essa lei não criou, entretanto, como não poderia criar, a necessaria conciencia para fazer prevalecer esse direito; e porque? Porque a unica entidade capaz de criar essa conciencia é a associação de classe, o organismo de resistencia aos desmandos, ás prepotencias, e ás estorsões patronais que, por meio da propaganda tenaz dos principios de emancipação social, poderá dezenvolver uma vasta obra de educação proletaria, destruindo erros e prejuizos atavicos para estabelecer no seio da coletividade a verdadeira noção dos seus direitos, capacitando-a, dest'arte, para as lutas grandiozas e fecundas pela sua emancipação integral da oppressão capitalista.

Nenhum efeito pratico produziu a circular do sr. prefeito municipal, como certamente não produzirá tantas quantas s. ex., ou os seus successores, inspirados, talvez, por uma boa intenção que

## Embora com constranjimento...

Embora com constranjimento quasi invencível, decido-me afinal a traçar, a proposito da regulamentação legal das horas de trabalho, alguns comentarios que a minha herética incredulidade acerca da panacéa legal me sujerem.

Quando num dos ultimos dias do mez de abril do corrente ano o orgão official da Prefeitura, estampava, na sua seção competente, a famosa circular em a qual o sr. prefeito do Distrito Federal, «tomando em consideração o pedido que lhe foi presente pelo Centro Cosmopolita, etc., etc.» chamava a atenção dos seus dignos subalternos para as disposições constantes de determinados artigos da lei reguladora das horas de trabalho na nossa classe, um intenso e, até certo ponto, compreensivel jubilo logo se apoderou de grande numero de companheiros, os quais, por causa de que neste momento abstenho-me de esmiuçar, acreditavam piamente (e creio que acreditam ainda hoje) no poder messianico da lei que haveria de, por artes de berliques e berloques, pôr um freio providencial á desmezurada exploração patronal.

Convocadas algumas reuniões da classe para tratar do magno e transcendental assunto, imensa assistencia acorreu a essas reuniões em que se discutia com calor e com minucia dignos de nota os meios capazes de facilitar aos funcionarios municipais a ardua tarefa da fiscalização da lei, para que essa pudica donzela não ficasse indefeza ás violações patronais...

Em certo momento, porém, um grupo de fervorosos devotos da Santa Lei, ou por que a defeza da mesma, entregue á directoria do Centro Cosmopolita, não corria consoante os seus desejos ou porque entendesse que a directoria do Centro não estava ajindo com

a necessaria energia, ou, finalmente, porque se prezumissem possuidores do segredo de alguma prodijioza panacéa capaz de fazer andar os proprios paraliticos, o certo é que esse aludido grupo de devotos fervorozos das virtudes irradiantes da Lei (com L maiusculo) enfrentou corajosamente o problema destituindo a directoria da sua missão, com entusiasmo digno de melhor causa. Foi este um momento de verás critico da nossa vida associativa; confesso que, apesar de velho associado, jamais presenciara episodio tão eminentemente traji-comico. A directoria que, com certeza, contava com o successo da empresa que tomara sobre hombros, de conseguir o cumprimento da lei, já antegozava as delicias inenarraveis da victoria e vislumbrava num sonho de glorias e esplendores o dia feliz em que as portas da séde social abriam-se de par em par para recebe-la numa justa consagração dos seus meritos e de outras coisas igualmente bonitas que o poder maravilhoso do fermento da cevada costumava pôr nos labios dos verbozos oradores de tais solenidades, abespinhou-se com a insolita atitude do grupo dos devotos, e chegou a vibrar no espaço a ameaça terrificante de uma renuncia colectiva e em regra!

Afinal serenaram-se as coizas e tudo voltou aos seus logares, como a paz ao seio de Abraão...

Começa, então, o trabalho da comissão. Trabalho intenso, profuço, colossal... Fez-se um largo consumo de papel e tinta. Uma multidão de officios foram dirigidos á vasta coórte dos burocratas municipais.

De repente, porém, cessa todo esse rumorejante esforço da comissão, um profundo e sepulcral silencio faz-se, en-

(Continúa na 2ª pagina.)

# DIVAGAÇÃO

O calendário reza: 30 de junho de 1917.

Já ha anos a Europa nada em sangue. Os barbaros espumantes estão queimando os ultimos cartuchos, no intuito de manter de pé a autocracia. O ouro produzido pelo trabalhador, para desgraça sua, rôla com o seu sangue e, nos poucos recantos ainda não escurecidos pelas fumaradas das «mausers», os comodistas dos prélos gritam em nome da «Patria» para que tambem os seus póvos avancem como cães na defeza do burguez gordo e perverso.

Guerra!... E' o grito dos mizeraveis que vivem na fartura e por ela obrigam os infelizes á peleja...

Enquanto isto, um povo—o escravizado povo da Russia—guiado pelas vozes dos que ha muito ali pregam os bemfazejos ideais, investe pela liberdade, e, para terror dos palacianos, soldados e trabalhadores se confraternizam para um passo maior — o grande passo da Revolução.

Foi Hermes Fontes quem escreveu:

«Ha de passar o cégo heroísmo dos cossacos; e os apóstolos bons de que a Russia se ufana, refortalecerão os pequenos e os fraços. Contra o fuzil que abata ou a corda que enforque, a Justiça eguerc-se-á, como na soberana vizão de Dostolwsky e de Maximo Gorky!»

O soldado—esta maquina anti-patica que é o pezadêlo da sociedade—ha de, afinal, em dias que já tardaram mais, compreender o ridiculo que vem representando deante das consciencias puras, para unir-se aos seus irmãos da oficina, num movimento de guerra aos seus algozes comuns.

E então—ainda o majistral poeta o diz:

«Desaparecerá a horrivel avantesma, pezadêlo das almas progressistas. E tu, Conciencia Humana, integrada em ti mesma»

para a capacidade superior de ser livre, ser justa e soberana, has de empreender as mais luminosas conquistas

pela Felicidade Humana, pela perpétua Paz e para o mutuo Amôr.

Aureliano Luna

## Embora com constranjimento...

(Continuação da 1ª página.)

tão, sobre a sua obra... E' que as laboriozas abelhas da colmeia libertadora fabricavam silenciosamente, modestamente, o delicioso mel da liberdade...

Mas o cazo é que até hoje ninguem sabe os passos que teriam dado tão valorozos mancebos, que podessem justificar o entusiasmo com que arrebata-ram das mãos da diretoria o doente atacado de mal de morte, cujos funerais competiam ser tratados pelos proprios donos do defunto, que no cazo era a diretoria. Esta ao menos lhe poderia fazer um enterro de 1ª classe...

Pois, é verdade, meus amigos! Até hoje a eminentissima comissão não se dignou decer do seu firmamento para explicar-nos o que realizou ou o que pretendia realizar para fazer andar os paraliticos, dar vista aos seus cégos e vozas mudos...

Num meio como o nosso em que predomina em grande escala o comodismo, ou melhor, o habito de esperar dos demais a defeza dos proprios interesses, não é de admirar que a classe inteira se dependurasse dos labios da malograda comissão a espera que deles partissem a palavra de ordem ou anuncio da almejada vitoria. Achamos naturalissimo, mesmo, o assedio em que se vin metida a comissão, por culpa aliás, dela propria. O cazo é que, para qualquer parte para onde se dirijissem os seus membros, eram eles alvejados com pergunta nada recomendavel mas em todo o cazo muito caracteristica:

—Então! Quando virão as dozes? Que diabo! vocês não fazem nada!

E assim como estes outros episodios semelhantes, os quais, se por um lado evidenciavamos a erronea noção que tem a classe dos seus deveres, por outro lado indignam aos injenuos membros da comissão uma justa e oportuna lição...

Que essa lição lhes oproveite devidamente, para que, de outra vez, não confiem demaziadamente nos efeitos milagreiros da lei...

J. C. P.

## AS 12 HORAS E O DESCANSO SEMANAL

### A' classe dos empregados em hotéis, restaurants, cafés e anexos

Relembrando a memoravel data de 10 de Julho de 1915

Foi precisamente nesta data que o Centro Cosmopolita, genuino representante da nossa classe, teve que entrar em franca luta contra a persistencia em que os patrões se mantinham, e se mantêm ainda hoje, em não cumprir uma lei que vinha beneficiar um pouco os nossos interesses.

E' bom, pois, que todos os companheiros conheçam o papel que representam no seio da sociedade presente. As leis para nós não existem, e a prova disso é que fomos compelidos á uma luta ingloria como a de 1915, precisamente em consequencia da falta de cumprimento da lei que nos assegurava o direito de não trabalharmos mais que doze horas diarias.

Ha seguramente tres mezes que o Centro Cosmopolita procurando opôr-se aos abuzos patronais, ao desrespeito cinico dos nossos direitos, enviou uma representação ao sr. prefeito reclamando contra a falta de execução da lei das 12 horas e descanso semanal; essa representação obteve despacho favoravel, havendo o sr. prefeito recomendado, em circular que então expediu aos ajentes distritais, a massima observancia pelo cumprimento da lei. Pois bem: apesar de já se terem passado cerca de quatro mezes, não deram sequer os ajentes um sinal de que tiveram noticia das recomendações do seu superior hierarquico, não lhes dando, mesmo, a menor importancia. E assim continuam os patrões de- zenvolvendo as suas torpes explo-

rações, obrigando os seus infelizes empregados a trabalharem 16 e 17 horas por dia, métodos dentro de cubiculos como são em sua totalidade as cozinhas dos hotéis desta capital; nesses estabelecimentos todos os esmeros, todos os cuidados, são para as dependencias esternas, ao alcance da vista do publico. No interior, porém, é o reverso da medalha: um monturo verdadeiro, mais apropriado á criação de suínos do que para recinto destinado á manipulação de iguarias, onde trabalham grande numero de homens. São logares eziuguos, onde a hijiene prima pela ausencia, onde não ha a necessaria cubajen de ar, onde se respiram gazes mefíticos, nauzeabundos, onde, finalmente, os bacilos de Kock, esses terriveis propagadores da tuberculose, encontram vasto e fertil campo á sua sementeira!

Chega a ser inacreditavel que em uma capital como esta não se tome maior interesse pela vida da sua população, deixando-a inteiramente entregue a ganancia assassina dos exploradores!

Enõs, companheiros, assistimos impassiveis a esses atentados aos nossos interesses! E' chegado o momento de levantarmos o nosso grito de revolta contra todos esses privilegiados, aos quais todas as leis os garantem, e só unidos, fortes e coezos o poderemos fazer com resultados reais!

B. A.

**Por ser hoje, 15 de julho, um domingo, dia improprio para as nossas reuniões, resolveu a Diretoria do Centro Cosmopolita adiar a assembléa geral que deve eleger a nova administração, para amanhã, segunda feira, 16.**

## O PROLETARIADO MILITANTE

### S. PAULO EM PLENA GREVE GERAL

#### O povo conquista a bala o direito a' vida!

Segundo os ultimos telegramas recebidos de S. Paulo ascedem a 35 mil o numero de trabalhadores que, na capital paulista, abandonaram o trabalho, reclamando com armas na mão, o direito á vida, reajndo contra o estado de mizerias a que os reduziu a avidez dos açambarcadores dos generos alimenticios e demais exploradores, e eziujndo o aumento dos eziuguos salarios e redução das horas de trabalho.

Milhares de homens, mulheres e crianças percorrem as ruas da Paulicéa, clamando a plenos pulmões contra a dezfrenada exploração dos detentores da riqueza social. São os escravos modernos, os produtores de todas as riquezas, que saem afinal das alforjas em que habitam para reivindicarem os seus naturais direitos!

Segundo narram os telegramas, varios esangrentos encontros ocorreram ja entre os grevistas e os janizaros da força publica.

Entretanto, tais acontecimentos não surpreende os que, como nós, sofrem as indiziveis angustias da situação presente. Eram mesmo de prever, dado o estado de intoleravel e crescente mal estar do proletariado deste paiz, agravado com a guerra que ha tres anos precizos vem trazendo a ruina e a morte aos mais reconditos recantos do mundo, e de cujo pretexto se têm aproveitado os especuladores de todos matizes para reduzir o povo aos esteriores da fome.

Relatemos, porém, os fatos de mais importancia, relacionados com o movimento grevistas de S. Paulo:

O movimento, que começara no Cotonicio Crespi e na Companhia Antartica, generalizou-se rapidamente. Dentro em pouco a ele aderiam inumeras outras classes, entre as quais as dos trabalhadores da fabrica Maria Anjela, e da seção de Industrias Reunidas de Matarazzo.

No dia 9, no momento em que os grevistas percorriam as ruas da cidade, solicitando a adezão dos seus companheiros, inopinadamente caiu sobre eles a policia. Tremendo conflito estabeleceu-se, saindo feridos varios operarios, dos quais um morria momentos após. O enterro dessa vitima da prepotencia policial constituiu uma imponente manifestação de protesto. Imensa multidão acompanhou-o á necropole onde foram pronunciados discursos veementes.

Essa infamia dos defensores incondicionais da burguezia serviu para trazer um impulso vigorozó ao movimento: no momento que escrevemos estas linhas o numero dos trabalhadores em greve atinje o respeitavel numero de 35 mil!

O Comité geral das varias sociedades e grupos proletarios reuniram-se para estudar e resolver as bazes sobre as quais deve assentar qualquer acordo a ser estabelecido entre patrões e operarios para pôr termo á greve.

Houve longa e renida discussão, durante a qual foram aventados numerosos alvites, sendo finalmente redijida a seguinte comunicação:

«Os representantes das ligas operarias, das corporações em greve e das associações politico-sociais que compõem o «Comité de Defeza Proletaria, reunidos na noite de 11 de julho, depois de consultadas as entidades de que fazem parte, espondendo as aspirações não só da massa operaria em greve como as aspirações de toda a população angustiada por prementes necessidades, considerando a insuficiencia do Estado no providenciação de outra forma que não seja pela repressão violenta, tornam publicos os fins immediatos que a actual agitação se propoe, formulando da maneira que segue as condições de trabalho que, oportunamente, serão ezaminadas nos seus detalhes:

- 1.—Que sejam postas em liberdade todas as pessoas detidas por motivos de greve;
- 2.—Que seja respeitado do modo mais absoluto o direito de associação para os trabalhadores;
- 3.—Que nenhum operario seja dispensado por haver participado ativa e ostensivamente no movimento grevista;

## Sal "EXCELSIOR" purificado

UNICOS DEPOSITARIOS

Armindo Azevedo & Comp.

101 - Rua Theophilo Ottoni, 101

Rio de Janeiro

### Um telegrama interessante

PETROGRADO — Junho, 25 — Depois de algumas tentativas consegui que me permitissem a entrada no palacio de Durnovo, que foi transformado numa verdadeira fortaleza pelos anarquistas, quinta feira, á noite. Ao penetrar no parque que circunda esse majestozo palacio vi por toda a parte grandes cartazes afixados, nos quais se lia: «Morte a todos os capitalistas!»

Ao me aproximarmos da porta, um rapaz, armado de carabina, a montar guarda, depois de um saudar, acrescentou:

— Entre camarada. Sois norte-americano? Respondi-lhe afirmativamente, explicando-lhe que era jornalista. Tanto bastou para me tornar objeto do melhor acolhimento, sendo-me dirigidos de toda parte palavras de boas vindas, pronunciadas em inglez, porém, com acento norte-americano.

Essa recepção alegre e cheia de cordialidade de que fui alvo, surpreendeu ás pessoas que estavam do lado de fóra do edificio, e isso não mais nada menos, porque os anarquistas são considerados entre o povo como seres mais temerozos que os proprios espiritos infernaes!

E o fato é que eu era pouco para as perguntas: queriam saber quando sairiam de Petrogrado, para que jornal escrevia eu, se seria publicada a narração da batalha do palacio de Durnovo, quando fosse atacado, si eu escrevia em algum diário de São Francisco; em suma, um nunca acabar de interrogações.

Em seguida convidaram-me a entrar e fui conduzido á presença dos chefes (2) do movimento com os quais conversei perguntando-lhes quantos deles ali eram norte-americanos.

— Somos quinze, responderam-me.

— E por que ajem assim?

— Porque somos anarquistas como sempre o fomos. Nos Estados Unidos nunca nos foi possivel operar, (3) mas agora podemos agir e não deixaremos de fazer o que estiver em nossas mãos.

Dezjando investigar-lhes o pensamento acerca das idéas gerais, perguntei-lhes o que julgavam eles da guerra.

— Que os diabos a levem, retorquiram. Temos aqui uma guerra maior em que nos empenhamos, a guerra contra os capitalistas.

— Mas, afinal, sois a favor da paz em separado?

— Favorecemos toda especie de paz, mas isso pouco importa, porque é bem possivel que sejamos todos mortos aqui, logo que o governo peça o auxilio das tropas para nos atacar, o morreremos todos, porque não somos covardes (4).

Perguntei-lhes então si eles haviam tomado parte no ataque ao jornal *Russky-Volga* e a resposta foi:

— E' claro.

Nessa ocasião fui abordado por um joven que havia outr'ora sido empregado na fabrica de automoveis norte-americana de Détrot, o qual mostrando-me um revólver me interpe- lou:

— Que lhe parece isto? Pois é o argumento que havemos de empregar e usaremos tambem muitas batatas das grandes (o que significa bombas no argot russo).

— Deveis aparecer aqui amanhã, disse-n um joven, ex-empregado da fabrica Cleveland porque o governo mandará tropas para no, atacar, e todos nós morreremos antes de nos rendermos. Vereis uma verdadeira guerra nestes jardins!»

Entricheirados no palacio, ha cerca de 70 anarquistas, á frente dos quais estão individuos dos Estados Unidos, inclusive uns dez dezalmados (5) de Nova York, vindos de lá via Noruega. As autoridades informam que estes tipos são de temperamento violentissimo e feroz (6).

O grande palacio de Durnovo está convertido num antro de imundicies: os homens não lavam o rosto, não tomam banho nem têm os mais rudimentares cuidados de *toilette*; varios deles apresentam aspecto verdadeiramente hediondo, trezandando a iodofornio (7). Tive tambem ocasião de ver algumas mulheres bonitas e jovens atravessando pelos quartos.

Durante a minha permanencia ali, os habitantes quiseram me obsequiar, oferecendo-me *vodka*, (8) de que disseram haver no palacio grande quantidade.

Esses anarquistas estão passando os melhores dias da sua vida, vida que segundo eles acreditam e espera o povo de Petrogrado, não durará muito, pois a espetativa geral é que não tardará a batalha entre eles e as tropas do governo (9).

J. W. SHEPHERD

Por absoluta falta de espaço fomos obrigados a suprimir os comentarios que, em notas de redação, acompanhavam este telegrama.

## CHARUTOS

os melhores são Viera de Mello do fabricante

### BAHIA

Transvalianos	Flor do Japão	Pastoral
Egyptios	Flor de Bahaj	Cravina
Coreana	Jeanette	Cavell
Hermanitos	Trumphador	Cynes
Delphina	Florentina	Geny
Completo	Begalia Especial	Chilena
Wandyek	Spartanos	Segundos
Liana	Gaulizes	Alteza
Rosa Linda	Cubantlas	Democratas
	Miguel Calmon	Nivea

E MUITAS OUTRAS MARCAS

A' venda em todas as boas charutarias

Deposito: Rua General Camara, 131 — Rio de Janeiro

SILVA ASSUMPÇÃO & COMP.

## REJIMEN DA ROLHA PARA OS OPERARIOS

A morte abre uma vaga no Supremo Tribunal Federal?

Precauem-se os ex-sarjentos; acatelem-se os operarios:—o chefe de policia, Dr. Aurelino Leal, vai forçar a atenção do presidente da Republica, exibindo a estafada fita da descoberta de uma conspiração urdida pelos Srs. Felix Bocayuva e Ananias de Albuquerque, de parceria com os primeiros, e requirir de violencia contra os que o Sr. Wenceslau chama a classe mais humilde da nação.

A esse espectáculo grotesco, fatal consequencia do passamento do Dr. Oliveira Ribeiro, agora estamos assistindo mais uma vez.

O chefe Leal (?) multiplica-se em manifestações de zelo, de atividade e de... notorio saber.

O zelo está ultra-demonstrado no arranjo da conspiração do sarjento Bernardes filado em flagrante, dizem os jornais, aditos á repartição da rua da Relação, no proprio momento em que em companhia de um compadre saboreava uma peixada na estação do Realengo; a atividade na dezenfreada perseguição aos operarios, prezos aos cardumes, quando ficam, saem ou regressam á casa, quando fumam, bebem, comem ou...; e o notorio saber, nas inesquecíveis taramelações do famoso grupo de harpa e dança «Conferencia Judiciaria Policial».

Si o Sr. W. Braz ainda desta vez não gratifica o esforço sobrehumano da alevantada «consciencia juridica» do seu Vidigal, presentando o Sr. Aurelino com o ambicionado emprego de ministro do Supremo Tribunal Federal, é realmente caso para S. S. dezesperar e dar um pulo até a capital da Baía a ver em que pé se encontra o processo que, pelo crime de prevaricação, lá lhe foi instaurado.

No intuito evidente de lizonjejar o presidente da Republica, cujo rancor ao operariado conciente é de sobejo conhecido, o chefe de policia, sobretudo a partir da imponente manifestação proletaria do 1º de Maio, tem desenvolvido perseguição feroz aos trabalhadores, com especialidade aos da Federação Operaria.

Documento official, publicado no *Diario do Congresso*, e por S. S. subscrito, nos instruiu que, apenas em tres dias (11, 12 e 13 de Maio), o Sr. Aurelino fez encarcerar, uns, quando entravam no edificio da Federação, outros, quando dela se retiravam, 23 trabalhadores.

As prizoés, tambem sem motivo justificado, efetuadas nesses tres dias na Gavea, no Jardim Botânico, em Vila Izabel e nas ruas e praças centras da cidade ascendem a algumas centenas.

A despertar, a incitar a perversidade da malta de beaguins aculados contra os operarios, a população carioca, estupefata, viu o Dr. Aurelino Leal, chefe de policia, furioo, possesso, brandindo grosso bengalão, percorrer as ruas e largos do Rio de Janeiro, invetivando e prendendo, elle proprio, homens pacificos!

Nos jornais de 13 e 14 de Maio, pormenoriadamente vem narrada cena deprimente e revoltante ocorrida na praça Onze de Junho:

«A's 14 horas, em frente á Escola Benjamin Constant, parou o automovel do Sr. Aurelino Leal. Dele saltaram o chefe e tres agentes de policia. S. S., com a sua gente, avançou para o centro do jardim, de cara amarrada, pizando por cima da grama, sem procurar as aléas. Chegando ao grupo de 5 trabalhadores com os quais conversavam, foi indagando, bruscamente: «— Que fazem aqui? e o semblante iracundo completava a ameaça da pergunta.

«— Estamos á espera do meeting, respondeu em voz normal um dos presentes.

«— Seus cachorros, estão prezos!

«E' preciso responder-me com modos. «E, chamando guardas-civis, ordenou-lhes que levassem os cinco homens para o xadrez da Repartição Central. Nós nada sofremos... porque eramos jornalistas.»

Durante todo o resto do mez de Maio, o chefe de policia, para deleitar o Sr. Wenceslau Braz; os espíões, delegados, guardas e demais pessoal subalterno, para lizonjejar o chefe e pescar gratificação, estimulando-se uns aos outros, cometeram toda a sorte de vilanias, dezfatinos e violencias contra a classe operaria.

Diariamente, junto á porta de entrada da Federação, estacionava uma matula de agentes, incumbidos de levar á presença do Inspector do Corpo de Segurança os trabalhadores que procuravam aquella associação.

Conduzidos á Repartição de Policia, esses homens, si não os metiam em imundo xadrez, permaneciam

incomunicaveis, como se fossem perigosos malfeitores, horas seguidas, por vezes até alta madrugada. Após uma longa espera, o major Bandeira de Mello chamava-os ao seu gabinete, reprehendia-os asperamente por frequentarem a Federação, e sob a ameaça de envia-los para a Colonia Correccional, impunha-lhes, de ordem do Sr. Aurelino, a proibição de assistirem qualquer reunião de classe!

Era o «terror branco». Muitos se dispuzeram a responder á violencia com a violencia.

E desse proposito só a custo foram dissuadidos pela façõ que, mais prudente ou menos avizada, entendeu utilizar, para pôr cobro e remate ás provocações e perseguições da autoridade, o recurso aos tribunales.

Centenas de *habeas-corpus* têm sido impetrados. Nenhum só dentre tantos até agora surtiu efeito.

A Côte de Apelação, prezumivelmente já combinada com o chefe de policia, se satisfaz com a invariavel resposta que os seus pedidos de informação obtêm: — não está prezo.

Inutil collocar sob as vistas dos desembargadores qualquer prova em contrario.

«Entre a palavra o ficial, — graves, solenes, *judicarios*, — pontificam os egreijos tartufos — que afirma não estar preso o paciente e os documentos prezentes, um dos quais carta do paciente, de hoje, datada da prizoão em que se acha, comprobatorios da mentira official, não podemos hezitar: — é com o massimo respeito que acatamos a mentira da autoridade.»

Tão convencido está o chefe de policia do aviltamento, da inconciencia desses juizes que nem mesmo procura mascarar a nenhuma consideração em que os tem.

Ezemplos. O Sr. Aurelino, em 16 de Junho, comunicou á Côte de Apelação que o operario Monreal, uma das suas muitas victimas, «não fóra, nem estava prezo.»

Assoalha-se a noticia de haver a policia assassinado Monreal, a pancadas, no xadrez da Repartição Central. A desmentiu-la corre o inspetor do



### O QUE É VERMUTIN

É um aperitivo-estomacal moderno, elegante, original, que se toma puro gelado com agua, syphon ou misturado com outro.

É uma bebida deliciosa, com poderes tónico digestivo-nervinos e virtudes, RADIO-ACTIVAS, que influem no organismo, rejuvenescendo a todos que fizerem uso.

Notae o paladar delicioso que fica na bocca depois que se bebe o VERMUTIN! Tome gelado que é delicioso!

O appetite renasce, a juventude se conserva e se prolonga, a velhice adquire novos reforços para resistir aos seus efeitos!

Tome sempre, repeti as doses de 3 a 4 calices por dia e ao fim de 15 dias sentireis os beneficios do RADIO-APERITIVO INDIANO — VERMUTIN — do Dr. Eduardo França.

Encontra-se em todos os hotéis, restaurants, caifés, confeitarias, bars, hotequins e armazens.

Unicos depositarios: Mourão & C., Rua do Rozario 133—Concessionarios: Coutinho Neves & C., Rua Buenos Aires, 96, sobrado.

# Companhia Hanseatica

## Bebam as cervejas

### Polar, Cascatinha, Iracema e Sumaré

Fabricadas com agua da Tijuca, captadas na propria nascente

Corpo de Segurança e, de cambulhas da, desmentindo o seu chefe, asseverada—o que era verdade: o homem preso desde o dia 7, no dia 15 de junho estava na Detenção e lá ainda se encontra!

A 3ª Camara da Côte de Apelação ordena ao Sr. Aurelino que á sua 1ª sessão sejam prezentes Francisco Ferreira, Pedro Matera e mais dez ou doze trabalhadores, arbitrariamente privados da liberdade.

«— Não estão prezos, — respondeu-lhe o chefe de policia.

E nesse mesmo dia, satisfazendo ao requerimento de informação do deputado Mauricio de Lacerda, comunica á Camara que todos esses homens, «anarquistas perigosos», estão presos e vão ser devidamente processados!

Romano Crossi, tranquilo e despreocupado, sae da Federação e toma o rumo da sua moradia. Saem-lhe ao encaço dois galforras policiais e, de ordem do Sr. Bandeira de Mello, conduzem-n'o ao xadrez.

Seguem-se: pedido de *habeas-corpus*, ordem de apresentação do prezo, *ne bativa* do chefe de se achar Crossi encarcerado, e, finalmente, *confissão* do Sr. Aurelino á Camara dos Deputados de que em 21 de Maio deportara o operario que á Corte de Appellação, em 18, elle asseverara estar em liberdade.

Agora mesmo, o Supremo Tribunal Federal vai conhecer (1) de um recurso interposto de decisão da Côte de Apelação, estabelecendo, em contrario ao disposto no § 8º art. 72 da Constituição Federal e á jurisprudencia do Supremo, que aos operarios não é garantido o direito de reunião.

O acordão dos impagaveis desembargadores está baseado exclusivamente em informação do jurisculto Aurelino Leal, que, a quatro pés, sustenta estar aquelle artigo da Constituição e a jurisprudencia do Supremo invalidados pela opinião emitida por S. S. e devidamente homologada pela filarmónica «Judiciaria-Policial» de que é licito á policia

proibir meetings, quando promovido por operarios!

Tanta sapiencia, tanto zelo, tão notorio saber tem, como deixamos exemplificado, revelado o Sr. Aurelino Leal no exercicio do cargo que está occupando, que uma recompensa lhe é devida.

Vamos, Sr. Wenceslau! *Un bon moment!*

Apiede-se de nós e encaixe o homem no Supremo Tribunal Federal!

do 1. numero do "O DEBATE".

J. Gonçalves da Silva

## "O Cosmopolita"

São nossos representantes:  
Em Santos, Emilio Alvarez—Hotel Balmeario.

Em Campos, Perfecto Gonzalez—Rua 13 de Maio n. 51.

Em Buenos Aires, Alvaro Ferruz Estrada—Calle Tucuman n. 802.

Os camaradas que nas localidades acima indicadas dezerjarem assinar «O Cosmopolita» poderão diri-rir-se ás pessoas mencionadas.

Nesta Capital «O Cosmopolita» é encontrado á venda no engraxate do Café Criterium.

### Azeite Renascença

Cada lata contém um litro certo  
HENRIQUE SANTOS & COMP.

ASSEMBLEA N. 20 — Rio de Janeiro  
Teleph. 316 Central

GARÇÕES! RECOMENDE O

### Congac MARTELL

A grande marca Franceza. E' o melhor e mais popular

### GRANDE TINTURARIA LONDRES

E lavagem quimica

Rua 7 de Setembro, 147

Entre Urugayana e Travessa de São Francisco de Paula

Casa das duas Portas Largas. Ao lado das afamadas camas arame Serpa, Fazem-se

concertos em Roupas de homem

TELEPHONE N. 3093

### CASA TIMTIM POR TIMTIM

SEMPRE NA PONTA

Especialidade em petisqueiras a portugueza E COM ELLAS E SEM ELLAS Aberto até 1 Hora da doite

### DURAN & BARBOSA

Rua do Lavradio n. 41

Telefone 3229 RIO DE JANEIRO

### Café e Billhares do Campo

Casa especial em café, chocolate, leite de Minas, mingaus, gemadas e ceias

ABERTO ATE' A' 1 HORA DA NOITE

José Antonio de Azevedo

R. Frei Caneca 1

Canto da Praça da Republica e esquina da Rua Barão do Rio Branco

RIO DE JANEIRO

### Fabrica de Cerveja Oriente

de José Vasquez Ferro  
Rua Visconde do Rio Branco 30



GARIBALDI

Pitoresco parc ao ar livre

(Entrada pela rua da Constituição 53)

TELEPHONE C. 1357  
Rio de Janeiro

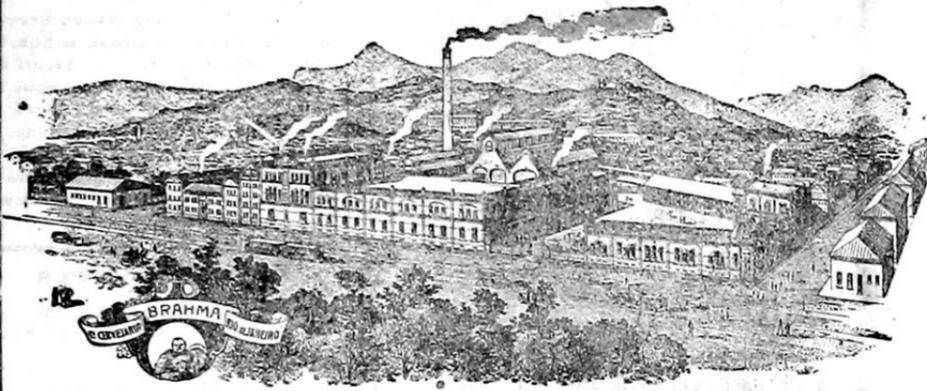
### COMPREM

Jaquetas de alpaca..... 19\$000

Jaquetas brancas..... 9\$000

Alfaiataria Barra do Rio 200, Rua 7 de Setembro, 200

# Cervejaria Brahma



Recomenda as suas  
afamadas marcas:



**Fidalga Malzbier Brahma Porter**

que são as preferidas pelas pessoas de bom gosto

**BEBAM**

**CAXAMBÚ**

A soberana das  
aguas de meza

**CERVEJARIA BOHEMIA**

Prefiram sempre as nossas cervejas

Vienna, Aurora, Serrana e Petropolis

DEPOZITO GERAL:

**RUA SENADOR POMPEU, 296**

TELEFONE: 6000 NORTE

**ALFAIATARIA SANTOS DUMOVT**

Especialidade em jaquetas de alpaca e brancas para "garçons" de restaurants, cafsé, bars, brasseries, etc., etc. — Preços modicos

192, Rua 7 de Setembro, 192

**"Caza Rist"**

Depozito excludivo de produtos  
nacionais

**VINHOS E CONSERVAS**

Rua 7 de Setembro n. 77



Telefone 455 - Central

**BEBAM**

**SALUTARIS**

A Rainha das

Aguas de Meza

**CENTRO COSMOPOLITA** Séde: RUADO SENADO 215--217  
(TELEFONE 1499 CENTRAL)

Esta sociedade, fundada em 31 de Julho de 1903, incumbe-se de fornecer ás exmas. familias, confeitarias, hotéis, restaurants clubs, bars e demais cazas deste ramo, pessoal competente para banquetes, cazamentos, pic-nics, etc. etc., não só na capital como no interior, responsabilizando-se pelo mesmo

Aluga o seu vasto salão para festivais, conferencias e outros atos de reconhecida moralidade

Atende e chamados todos os dias uteis das 7 ás 22 horas e aos domingos até ao meio dia